

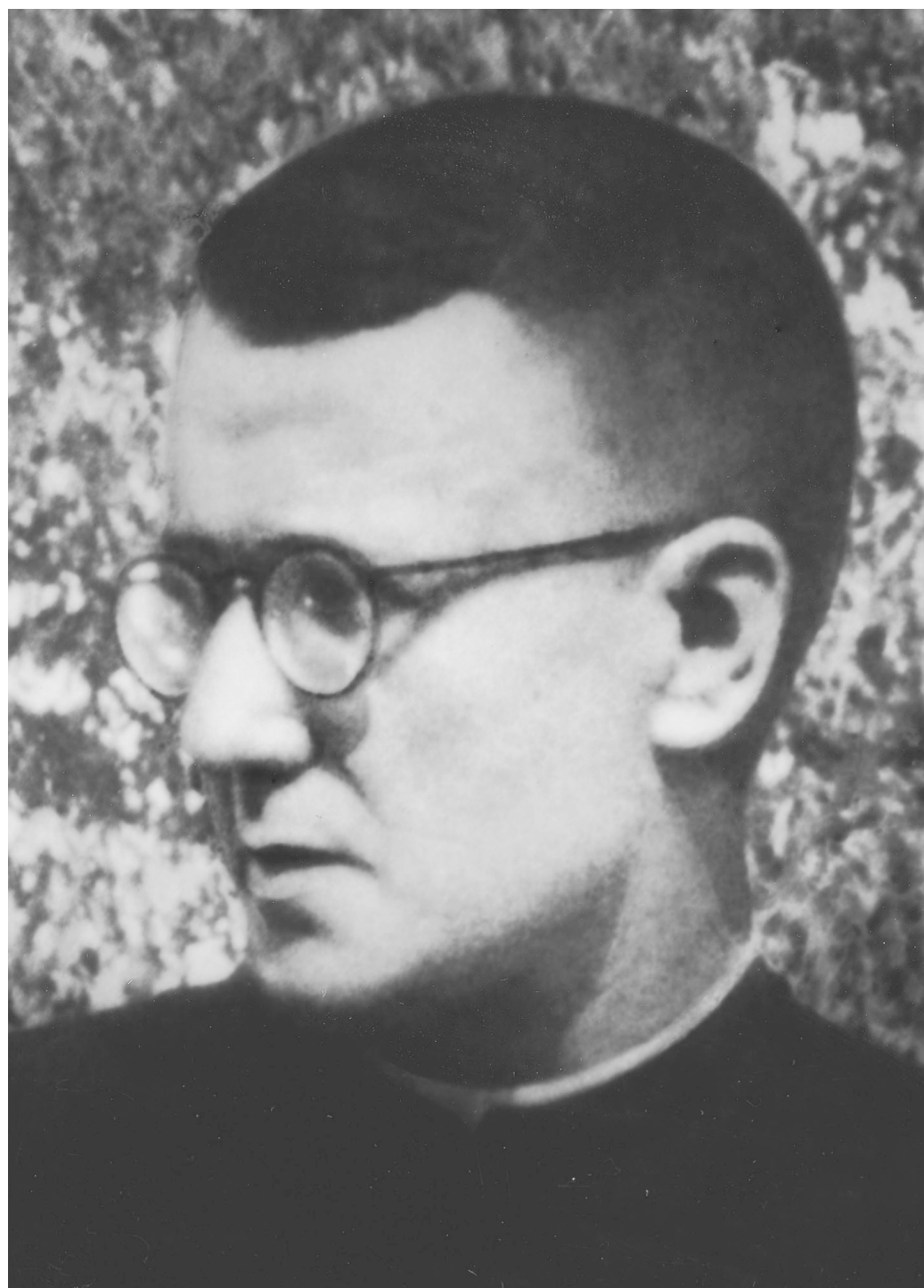
Josemaria Escrivá

CAMINHO

Edição comentada por
Pedro Rodríguez

josé maria escrivá

CAMINO



Ilustrações anteriores

Capa da edição-príncipe, Valência, 1939.

O Autor de *Caminho* em Valência, 1939.

JOSEMARIA ESCRIVÁ

CAMINHO

Edição comentada por
PEDRO RODRÍGUEZ

Tradução do texto de *Caminho* por
ALÍPIO MAIA DE CASTRO

Tradução dos comentários por
EMÉRICO DA GAMA
FREDERICO BONALDO
ROBERTO VIDAL DA SILVA MARTINS

Edição revista e coordenada por
EMÉRICO DA GAMA



QUADRANTE

Título original

CAMINO

Revisão

Esther Zanelli Miranda

Copyright © 2004 Pedro Rodríguez

Copyright © 2014 Quadrante Editora

Pedro Rodríguez, Doutor em Teologia e em Direito, Prelado de Honra de Sua Santidade, é professor de Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra e membro da Pontifícia Academia Romana de São Tomás de Aquino. Sua docência e suas publicações têm como ponto central a Eclesiologia – desde Tomás de Aquino até o Concílio Vaticano II – nas suas duas dimensões: a ecumênia e a espiritual. Nesse contexto inscrevem-se os seus trabalhos de pesquisa e edição de fontes. Em 1985, descobriu na Biblioteca Vaticana os manuscritos originais do Catecismo Romano, base da monumental edição crítica que uma equipe de pesquisa da Universidade de Navarra concluiu, e que foi publicada pela Libreria Editrice Vaticana: *Catechismus Romanus*, Roma, 1989. Em 2002, publicou pela Rialp a edição crítico-histórica de *Caminho*, pelo qual havia se interessado desde os seus primeiros escritos, e que pode ser considerada a culminação do seu trabalho científico em torno do célebre livro de São Josemaria.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Escrivá, Josemaria

Caminho / Josemaria Escrivá; comentários de Pedro Rodríguez; tradução revista e coordenada por Emérico da Gama – São Paulo : Quadrante, 2016.

Título original: *Camino*.

ISBN: 978-85-7465-253-5

1. Meditações 2. Vida espiritual – Citações, máximas etc. 3. Vida espiritual – Igreja Católica I. Título.

CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Máximas : Vida espiritual : Cristianismo 248.4
2. Vida espiritual : Cristianismo 248.4

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Sumaré | Tel.: 11 3873-2270
01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

Nota do Editor	11
Prólogo de Mons. Javier Echevarría	13
Ao leitor: umas palavras do Autor da edição	15
Siglas e abreviaturas	19
Cronologia de Josemaria Escrivá	21
I. INTRODUÇÃO GERAL	
I. <i>O Autor</i>	31
II. Caminho: <i>História da redação</i>	45
III. <i>Descrição e análise dos materiais para a edição comentada</i>	117
IV. <i>Gênero literário, finalidade e estrutura de Caminho</i>	133
II. TEXTO E COMENTÁRIO	
[<i>O prólogo</i>]	167
[Primeira Parte. <i>Seguir Cristo: os começos do caminho</i>]	169
a) Oração, expiação, exame	171
b) Vida interior, trabalho, amor	371
[Segunda Parte. <i>Rumo à santidade: caminhar “in Ecclesia”</i>]	565
a) Igreja, Eucaristia, Comunhão	567
b) Fé, virtudes, luta interior	623
[Terceira Parte. <i>Plenamente em Cristo: chamada e missão</i>]	743
a) Vontade e Glória de Deus, infância espiritual	745
b) Vocação e missão apostólica	847
Apêndice	
Notas do Autor às diversas edições	915
Índices	
Índice de textos da Sagrada Escritura	919
Índice por pontos de textos da Sagrada Escritura	923
Índice analítico	925
Índice geral	941

NOTA DO EDITOR

A presente tradução para o português da obra *Camino – edición crítico-histórica*, foi feita com base na edição em castelhano publicada em Madri por Ediciones Rialp, sob os auspícios do “Instituto Histórico São Josemaria Escrivá de Balaguer”, com sede em Roma. Por iniciativa do Prelado do Opus Dei, D. Javier Echevarría, o Instituto empreendeu a partir de 2002 a publicação de uma Coleção de Obras Completas de São Josemaria em edição crítico-histórica, da qual já apareceram vários títulos. O presente volume – o primeiro da série – segue o texto da 3^a. edição (2004), com algumas adaptações que se consideraram convenientes à vista do público leitor de língua portuguesa.

Se o trabalho de pesquisa histórica, admirável e exaustivamente levado a cabo pelo eminente Prof. Pedro Rodríguez, contém inúmeros dados sobre a gênese da quase totalidade dos pontos de *Caminho*, alcançando os mais remotos antecedentes, esta tradução propôs-se concentrar a atenção em tudo o que contribuisse para esclarecer o sentido de cada um desses pontos, em função, acima de tudo, das vivências e experiências pessoais de São Josemaria e, depois, das circunstâncias de tempo e lugar em que foram elaborados. Teve-se mais em conta a óptica do leitor, já que o historiador sempre poderá encontrar na edição original em castelhano os dados completos, as referências bibliográficas, os textos paralelos em outros autores da época – mais conhecidos do público espanhol – ou de séculos anteriores. Por isso, suprimiu-se a referência a manuscritos e a fontes documentais que interessariam menos ao leitor não especializado.

Esta edição inicia-se com o Prólogo escrito por Mons. Echevarría para apresentar a edição crítico-histórica, seguido de umas palavras do Prof. Pedro Rodríguez aos leitores de língua portuguesa.

A Introdução Geral com que se abre este alentado estudo crítico-histórico foi mantida em todos os seus apartados, com exceção do quinto: *Descrição do aparato crítico e das notas de documentação*. A supressão justifica-se precisamente pelo já mencionado propósito de ter em vista sobretudo o leitor comum, e não tanto o historiador.

Da maior parte dos Apêndices incluídos na parte final do livro, recolhem-se aqui apenas as Notas escritas por São Josemaria para algumas das edições de *Caminho*, bem como o Índice por matérias, tal como consta das edições comuns do livro.

Outra mudança que se introduziu foi substituir pela correspondente tradução para o português as notas de rodapé com citações de autores e documentos feitas em latim ou em outras línguas. Quanto aos textos da Sagrada Escritura, ativemo-nos à tradução da Bíblia publicada pela Editora Ave-Maria, de São Paulo.

Fora isto, tanto na Introdução Geral como no comentário aos pontos do livro, acompanha-se com toda a fidelidade o texto da edição crítico-histórica. É escusado dizer que se seguiu rigorosamente – outra coisa seria imperdoável e inviável – o esquema que o Prof. Pedro Rodríguez propôs para estabelecer o nexos entre os 46 capítulos de *Caminho*. É uma proposta que, sem deixar de comentar os pontos na sua sequência numérica, agrupa os capítulos em três partes, oferecendo com elas uma valiosa contribuição para captar o fio condutor do livro comentado. É uma contribuição valiosa porque tem por eixo o seguimento de Cristo na vida ordinária do homem comum. E porque não se apoia numa construção idealizada, mas na vivência pessoal e na experiência pastoral de São Josemaria, na sua reflexão teológica, e na universal e perene mensagem espiritual e apostólica que, por expressa incumbência de Deus, deixou à posteridade dos cristãos comuns. A chave de *Caminho*, podemos antecipar, é o amor de Deus: *Non est amor nisi Amor*. Não há outro amor que não seja o Amor, para o qual se orientam e no qual se integram todos os amores limpos e nobres do ser humano.

Bem é verdade que, já nas sucessivas edições em língua portuguesa do livro, houve adaptações dos modos de dizer, dada a impossibilidade de encontrar as expressões equivalentes, mas, quando os comentários ao texto original não se ajustavam literalmente ao texto em português, houve o cuidado de, em nota ou entre colchetes, chamar a atenção para as diferenças. Neste sentido, todo o meu agradecimento ao Dr. Alfredo Canteli, sempre persistente na busca da melhor fórmula ou palavra, e feliz especialista em sugerir a solução oportuna.

À dificuldade inerente a qualquer tradução, soma-se, na citação de diálogos e cartas pessoais de São Josemaria, a dificuldade de captar os matizes da sua linguagem coloquial, invariavelmente espontânea e bem-humorada. Sempre me admirou ver como, nas suas respostas *tête-à-tête*, nas suas conversas, as palavras lhe afloravam redondas, límpidas, bem concatenadas, em expressões que se poderiam publicar sem acrescentar ou tirar um vírgula.

Coautores desta tradução que demorou anos foram Roberto Martins e Frederico Bonaldo, a quem esta Editora deve os melhores agradecimentos.

Mas não é preciso dizer que o primeiro agradecimento de todos vai para Deus, que nos seus desígnios brindou a Igreja, o povo de Deus e a sociedade com os dons – sob a ação direta do Espírito Santo – de que revestiu o Fundador do Opus Dei, pioneiro da santidade dos leigos comuns nas suas ocupações e deveres quotidianos.

Emérico da Gama

Emérico da Gama (1931-2014) faleceu quando dava os últimos retoques a este livro, após ter trabalhado incansavelmente na sua acurada tradução e revisão. Seja esta lembrança uma sentida homenagem de afeto e gratidão àquele que iniciou a Quadrante e a impulsionou ao longo de meio século.

PRÓLOGO

Transcorreram pouco mais de sessenta anos desde que *Caminho*, o livro mais conhecido de Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer, veio a lume pela primeira vez, em Valência. Desde aquela edição-*príncipe* até o momento atual, contam-se por muitas dezenas as edições publicadas nos idiomas mais variados e nos mais diversos países, com uma tiragem total que já se aproxima dos cinco milhões de exemplares.

Poderia surpreender a grande difusão desta obra, tanto pelo seu caráter – não é um livro para passar o tempo, mas um convite a um compromisso pessoal na vida do espírito –, como por ter tido lugar no século XX, caracterizado pelo seu forte pendor utilitarista e técnico. Mais ainda se se considera que, entre os seus leitores – existem testemunhos fidedignos do que afirmo – se encontram não somente católicos, mas fiéis de todas as confissões cristãs, além de judeus, muçulmanos e pessoas de outras religiões. Seja como for, a observação de que *Caminho* é um “clássico da espiritualidade” – expressão que começou a difundir-se já nos anos cinquenta – mostrou-se plenamente acertada.

Bastariam estes dados para acolher com interesse esta edição crítico-histórica. Para as inúmeras pessoas que recorrem a *Caminho* em busca de uma orientação para a sua vida espiritual, esta edição representa muito mais: vem a público em torno do centenário do nascimento do Beato Josemaria* e constitui o primeiro fruto de um ambicioso projeto editorial de lançar as obras completas do Fundador do Opus Dei.

Não é atrevido afirmar que é evidente a importância eclesial da figura de Josemaria Escrivá, tanto pelo seu trabalho sacerdotal e apostólico (do qual é reflexo o extenso trabalho de almas da Prelazia do Opus Dei nos cinco continentes), como pela sua incansável pregação (da qual se beneficiaram diretamente centenas de milhares de pessoas) e pela abundância dos seus escritos. Também por este motivo, ao aproximar-se o centenário do seu nascimento, decidi erigir em Roma o “Instituto Histórico Josemaria Escrivá”, ao qual confiei, como uma das suas primeiras finalidades, a preparação de uma edição crítica das obras completas do Fundador do Opus Dei, tanto das já publicadas como das inéditas.

Com a presente edição, esse desejo começa a fazer-se realidade. A escolha de *Caminho* como livro pioneiro deste projeto está plenamente justificada: além de ser a obra mais conhecida do Fundador do Opus Dei, conserva-se no Arquivo Geral da Prelazia uma grande quantidade de testemunhos que se referem ao *húmus* em que se gerou esta obra: a vida espiritual e a atividade apostólica do Beato Josemaria nos primeiros anos do seu ministério sacerdotal. Por

* Canonizado por João Paulo II em 6 de outubro de 2002 (N. do E.).

outro lado, ainda que não toque muitos aspectos do espírito do Opus Dei, esta edição é indubitavelmente um testemunho de singular importância do modo como esse espírito era difundido e acolhido na década de trinta e nos tempos que se seguiram. Daqui procede, sobretudo para os estudiosos da espiritualidade, a importância do presente trabalho.

Faz alguns anos, Mons. Álvaro del Portillo afirmava a respeito de *Caminho*: “Nada no livro é elucubração [...]; não há nele nada que seja artificial ou hipotético. Em cada uma das suas páginas palpita a incontável riqueza do que foi realmente vivido. Daqui provém o perene frescor deste livro e esta é, sem dúvida, a razão pela qual, embora tenha sido escrito em circunstâncias históricas bem determinadas, *Caminho* interessa a milhões de pessoas que vivem em outros contextos culturais”¹. O meu predecessor à frente da Prelazia do Opus Dei frisava que, como mananciais profundos da espiritualidade que jorram de *Caminho*, é preciso sublinhar a sua dimensão *humana* (que explica a capacidade demonstrada pelo livro de ir ao encontro das esperanças e aspirações dos mais variados homens e mulheres), e, ao mesmo tempo, a sua dimensão *explicitamente cristã*, já que Cristo inunda todas as suas páginas, da primeira à última². Esta intuição de Mons. Álvaro del Portillo vem à tona na presente edição crítico-histórica, preparada por Pedro Rodríguez, Professor titular da Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, depois de um profundo estudo das fontes e de um laborioso trabalho de redação, de introduções e notas.

A figura do prof. Rodríguez é bem conhecida no âmbito teológico; não precisa que eu o apresente. Só desejo mencionar que é um grande conhecedor da espiritualidade do Beato Josemaria e, ainda mais concretamente, especialista em *Caminho*, livro sobre o qual começou a escrever já nos anos sessenta. Aqui só me interessa agradecer-lhe sinceramente o esforço que despendeu para que esta nova edição de *Caminho* chegasse a todas as pessoas interessadas nos escritos do Fundador do Opus Dei. A sua contribuição, realizada com rigor científico e, ao mesmo tempo, numa linguagem cuidadosa e agradável, é decisiva para o conhecimento da história da redação das páginas do Beato Josemaria e para uma melhor compreensão do seu influxo na história da espiritualidade cristã.

A esmerada impressão a cargo de Edições Rialp vem ressaltar o valor da presente edição.

Sirva de ponto final a estas linhas o pedido que dirijo ao Céu, por intercessão da Santíssima Virgem, para que a meditação sossegada destas páginas se converta em instrumento – como acontece há mais de sessenta anos com a meditação dos pontos de *Caminho* – para aproximar muitas almas de Deus.

Roma, 1º. de novembro de 2001, Solenidade de Todos os Santos.

+ Javier ECHEVARRÍA
Prelado do Opus Dei

¹ Mons. Álvaro del Portillo, “Significado teológico-espiritual de *Caminho*, em *Estudios sobre Camino*, Rialp, Madri, 1988, págs. 48-49.

² Cfr. *ibid*, págs. 50-51.

AO LEITOR

Um as palavras do Autor da edição

Estas palavras *Ao leitor* ligam-se com as que escrevi na edição original em língua espanhola (Madri, 2002), reconsideradas agora à luz da edição brasileira, que tem as suas características próprias. Devo dizer antes de mais nada que este livro, como indica o seu título, é *Caminho*, de Josemaria Escrivá: uma das numerosas edições de *Caminho*. Mas é uma edição peculiar: é uma “edição crítica”, quer dizer, uma edição que oferece o texto de *Caminho* acompanhado de uma crítica textual e de fontes apoiada na documentação.

À medida que me adentrava no trabalho e na leitura dos documentos – quase todos eles conservados no Arquivo Geral da Prelazia do Opus Dei, em Roma –, ia-se tornando mais claro que o material dotado de interesse superava o que era necessário para uma edição crítica. Por outro lado, um livro tão singular e de tanta irradiação espiritual como este, pedia que se pesquisasse a fundo a história da sua composição: não apenas que se “estabelecesse” o seu texto – tarefa sem excessivos problemas nesta obra, dada a clareza da história textual –, mas que se fosse além do texto ou, se se prefere, se surpreendesse o texto na sua elaboração. Neste sentido, o estudo da documentação confirmava com intensidade crescente a intuição espontânea de todo o leitor do livro: que cada uma das suas 999 unidades tem vida própria, bem como contextos e circunstâncias muito diferentes; uma vida espiritual, pastoral e literária que o próprio texto revela ser anterior à sua elaboração, e muito mais rica do que a mera crítica textual pode manifestar. Daí que, durante o trabalho, não tenha posto de lado esses dados contextuais que ultrapassavam a crítica textual, mas tratado, o mais sobriamente possível, de incorporá-los ao livro e de proporcionar assim aos leitores a informação encontrada sobre o contexto vital e histórico a que me refiro. Por isso chamei ao resultado desta pesquisa, não já uma “edição crítica”, mas uma “edição crítico-histórica”, como se lê na capa do volume.

Esta decisão multiplicou a tarefa, pois o equilíbrio entre umas partes e outras exigia não somente a “recepção” dos documentos que me vinham às mãos, mas a “inquirição” dos que tinha de procurar. O resultado de todo esse trabalho foi o amplo “Comentário crítico-histórico” que quantitativamente é de longe a parte mais extensa de todo o conjunto: um comentário à estrutura do livro, à sequência dos seus capítulos e, sobretudo, a cada um dos seus pontos.

Uma edição “crítico-histórica”, dizia. Com esta expressão, não me refiro a “outro” método de análise de textos, que na exegese bíblica e em teologia seria diferente daquele que chamamos “histórico-crítico”. Com a expressão “crítico-histórico”, não me refiro ao método, mas ao alcance e ao conteúdo do comentário, que vai além do que pede uma edição crítica em sentido estrito, para penetrar em questões de gestação e contexto histórico-espiritual dos “pontos” de *Caminho*.

No entanto, o presente trabalho não é nem pretende ser um comentário teológico e de espiritualidade, embora contenha – como não podia deixar de ser – contínuas alusões ao que constitui a própria matéria do livro. Também não é um estudo do estilo literário ou do uso linguístico dos termos, o que não exclui, aqui e acolá, frequentes observações sobre esses aspectos. O que a presente edição faz é oferecer o texto de *Caminho* criticamente disposto para poder ser estudado, quer sob o ângulo da espiritualidade e da teologia, quer sob o aspecto linguístico ou literário, por aqueles que assim o desejem.

A nossa edição tem, pois, como fim estas duas coisas: manifestar oportunamente os resultados da crítica textual e das fontes, e, ao mesmo tempo, dar a conhecer textos e documentos que digam respeito à gênese dos “pontos” de *Caminho*, à sua datação, às suas circunstâncias, bem como aos contextos pessoais, espirituais, culturais e históricos que essas “considerações” tiveram na vida do Autor e no seu trabalho apostólico.

Este é o momento de dizer ao leitor quão acertada me pareceu a proposta dos editores à hora de encarar a tradução para o português da edição crítica de *Caminho*. Ficou imediatamente claro que a crítica textual, *natura sua*, só tinha sentido científico na língua original do livro, e que portanto o aparato correspondente carregaria sem necessidade a edição em outro idioma. Prescindiu-se, pois, nesta edição em língua portuguesa, da “crítica textual” e, em contrapartida, manteve-se a abundante informação “crítico-histórica”; uma informação que, com frequência, leva o leitor a avançar na sua leitura do livro acompanhando São Josemaria enquanto este o vai escrevendo. Em coerência com o que acabamos de dizer, tomou-se esta outra decisão: prescindir dos apêndices e anexos da edição crítica original, exceto o apêndice que incluía as Notas escritas pelo autor para as diversas edições de *Caminho*.

Com estas opções editoriais, o livro ganhou em simplicidade e comodidade para o leitor. Mantém-se, pois, a clara e nítida distinção tradicional entre o Texto, estabelecido cientificamente, e o seu Comentário crítico-histórico. O Texto, isto é, o Prólogo e os 999 pontos do livro foram compostos num corpo maior e em **negrito** – como a edição-príncipe (Valência, 1939) – e, a seguir a cada ponto, em corpo menor e letra redonda, o Comentário crítico-histórico. O pé de página, que já não tem as notas de crítica textual, é reservado para as notas documentais do Comentário. Assim, sob o título “Texto e Comentário crítico-histórico”, o leitor encontra o conteúdo principal desta edição de *Caminho*.

O “Texto”, devidamente anotado, é – do ponto de vista da causa final, poderíamos dizer – a razão de ser de uma edição crítica e, portanto, também da nossa. Por isso, sinto-me na obrigação de chamar a atenção do leitor, não só para o “Texto e o Comentário” de que venho falando, mas sobre a “Introdução Geral” que os precede. É extensa e tem, necessariamente, um certo tecnicismo; mas entendo que a sua leitura será útil, pois oferece ajuda e elementos de juízo para situar o ambiente espiritual e humano em que São Josemaria escreve os diversos capítulos e “pontos” de *Caminho*. O leitor deve ter presente que a anotação e o comentário do “Texto” foram realizados a partir do quadro herme-

nêutico que se propõe ao longo dos capítulos ou parágrafos (§) da “Introdução Geral”.

A ordem das peças que precedem o corpo do livro é a seguinte. Depois da nota do editor, do “Prólogo” de Mons. Echevarría, vêm estas minhas palavras. Depois, as páginas com “Siglas e abreviaturas” e uma “Cronologia biográfica” de Josemaria Escrivá, mais detalhada, logicamente, quanto ao período que corresponde à redação de *Caminho*. Depois, começa a “Introdução Geral” acima mencionada, seguida, como disse, do “Texto e Comentário”. Incluem-se, a seguir, as citadas notas de São Josemaria às diversas edições de *Caminho*. O volume encerra-se com dois índices: um de citações da Sagrada Escritura e outro de matérias.

Muita das inter-relações contextuais e documentais do Texto, tal como se reflete no Comentário, permanecem em aberto, e outras, pela sua própria natureza, estão sujeitas à retificação ou à matização a partir de novos dados e testemunhos. O autor da edição crítica agradecerá todas as contribuições e sugestões que lhe cheguem sobre a matéria. Mas já pode comunicar aos leitores que a presente edição faz públicas muitas das contribuições que se incluirão na futura 4ª edição espanhola, ainda em projeto.

Chego assim ao momento mais grato destas palavras ao leitor da edição brasileira. Refiro-me a hora de fazer constar o amor e a garra que há por trás da dedicação do Dr. Emérico da Gama ao livro que o leitor agora tem entre mãos: dia a dia, ano após ano, até concluir... E a grande ajuda que representou para este trabalho o rigor com que o Dr. Ives Mascarenhas preparou a edição crítica em língua inglesa, na qual teve de abordar problemas semelhantes.

Quando terminei a pesquisa para a edição do ano de 2002, senti também a obrigação de agradecer a um grande leque de pessoas. Seria interminável enumerar todas as colaborações que recebi.

Mas devo citar agora aqueles cuja contribuição para este trabalho foi mais contínua e constante. Antes de mais nada, o Dr. Constantino Ánchel, pesquisador do “Centro de Documentação e Estudos Josemaria Escrivá de Balaguer” (Universidade de Navarra), conhecedor, como poucos, dos contextos documentais e biográficos do santo Autor de *Caminho*; e, com ele, os Drs. Joaquín Fernández Monistrol, José Antonio Loarte e Sabino Gabiola, do Arquivo Geral da Prelazia (Roma): os quatro puseram à minha disposição a sua perícia em localizar e discernir a documentação desses Centros e ofereceram-me generosamente as suas contribuições pessoais.

O Dr. Ánchel – meu interlocutor habitual nas diversas fases da pesquisa – e os Profs. José Luis Illanes, Jutta Burggraf e Javier Sesé, colegas na Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, tiveram a paciência de ler e criticar o extenso manuscrito depois de acabado, oferecendo-me abundantes e profundas observações e sugestões, que enriqueciam o horizonte para ulteriores pesquisas. O resultado dessas quatro leituras determinou, assim o penso, um salto de qualidade na minha tarefa e uma nova exigência de rigor científico.

Os Drs. Joaquín Alonso e Flávio Capucci (Roma), Benito Badrinas e Júlio

González-Simancas (Madri), tão profundos conhecedores da vida e da obra de Josemaria Escrivá, e os Profs. Lucas F. Mateo-Seco, Ildefonso Adeva e Marcelo Merino (Pamplona), com a sua experiência na análise de textos – todos foram para mim constantes pontos de consulta e de referência. Não quero deixar de mencionar o meu colega linguista Prof. Manuel Casado (Pamplona), que esteve sempre disponível para ser consultado nas questões relativas ao seu ofício filológico.

Deixei para o final o primeiro dos agradecimentos. Devo-o a D. Javier Echevarría, Bispo, Prelado e Padre do Opus Dei: antes de mais nada, por ter-me encarregado da preparação desta edição – encargo que considero uma delicadeza paternal – e por ter-me aberto de um modo tão generoso os fundos documentais e arquivísticos da Prelazia. E por ter querido honrar o meu trabalho escrevendo o prólogo que abre estas páginas.

Uma última palavra. A pesquisa que se materializou no presente estudo crítico-histórico cobriu uma boa parte do meu trabalho nos três anos que precederam o Centenário do nascimento de Josemaria Escrivá, 9 de janeiro de 2002. Não podia imaginar que o Senhor me daria, durante esta passagem do segundo para o terceiro milênio, uma forma tão profunda e afetuosa de “comunhão dos santos”, como a que experimentei, dia após dia, durante esta “batalha” científica e orante. Vá para Ele – *Deo omnis gloria* [Para Deus toda a glória] – a minha radical ação de graças. Neste mesmo ano de 2002, o Papa João Paulo II canonizou o Autor de *Caminho*.

São Josemaria publicou *Caminho* para que os leitores enveredassem “por caminhos de oração e de Amor”. A minha aspiração, enquanto lutava com os textos – e agora, que aparece a edição brasileira – era que este conjunto de documentação histórica ajudasse o leitor a discernir a passagem de Deus na pequena grande história que subjaz ao livro e a adentrar-se – ou a continuar – *cum festinatione*, com pressa, por esses caminhos que o Autor desejava.

Pamplona, Universidade de Navarra,
9 de maio de 2013
Solenidade da Ascensão do Senhor

Pedro Rodríguez

SIGLAS E ABREVIATURAS

AGP	Arquivo Geral da Prelazia do Opus Dei	duplic. EF	duplicado Epistolário do Fundador do Opus Dei
<i>Apint</i>	<i>Apontamentos íntimos</i>		
<i>C</i>	<i>Caminho</i>	exped	expediente
cap	capítulo	Introd	Introdução
caps	capítulos	IntrodGeral	Introdução Geral
carp	pasta	IZL	Arquivo da Causa de Beatificação de Isidoro Zorzano Ledesma
<i>Cec</i>	<i>Considerações Espirituais</i> , Cuenca (1934)		
<i>Cem</i>	<i>Considerações Espirituais</i> , Madri (1932 e 1933)	leg Lh	maço fichas com textos de <i>Caminho</i> escritos na Legação de Honduras
<i>Cem32</i>	<i>Considerações Espirituais</i> , Madri (1932)	Lhz	fichas escritas também na Legação, mas compondo uma série numerada de 1 a 25
<i>Cem33</i>	<i>Considerações Espirituais</i> , Madri (1933)		
cfr.	confira-se ou veja-se	nt	nota
com.	comentário ou comentários (crítico-históricos)	p/	ponto ou pontos de <i>Caminho</i>
Const	Constituição	PregHond	pregação feita na Legação de Honduras e conservada no Arquivo Geral da Prelazia
Decr	Decreto		
doc	documento		

CRONOLOGIA DE JOSEMARIA ESCRIVÁ

- 1902 **9 de janeiro.** Nasce em Barbastro (Aragão) Josemaria Escrivá de Balaguer, filho do sr. José Escrivá y Corzán e de dona Dolores Albás y Blanc.
13 de janeiro. É batizado na paróquia da Assunção (Catedral) com os nomes de José María Julián Mariano.
23 de abril. É crismado por D. Juan Antonio Ruano, Bispo de Barbastro.
- 1904 Cura-se de um modo inexplicável de uma enfermidade da qual fora desenganado pelos médicos. Os seus pais, em cumprimento de uma promessa feita à Virgem, visitam a ermida de Nossa Senhora de Torreciudad, em peregrinação de ação de graças.
- 1905 Frequenta o jardim de infância do Colégio das Filhas da Caridade, em Barbastro.
- 1908 Começa a estudar no Colégio dos Padres Escolápios de Barbastro; faz a sua primeira Confissão.
- 1910 **11 de julho.** A sua irmã Rosário, que tinha nascido em 2 de outubro de 1909, falece aos nove meses de idade.
- 1912 **23 de abril.** Recebe a Primeira Comunhão.
10 de julho. Falece a sua irmã Lolita, nascida em 10 de fevereiro de 1907.
- 1913 **6 de outubro.** Falece a sua irmã Chon, nascida em 15 de agosto de 1905.
- 1914 O negócio do seu pai abre falência.
- 1915-1917 A família muda-se para Logroño, onde o sr. José Escrivá trabalha numa loja de tecidos.
- 1917-1918 No Natal desse ano escolar, as pegadas na neve dos pés descalços de um carmelita suscitam-lhe um forte desejo de entregar-se

a Deus. Começam os “vislumbres” de alguma coisa que o Senhor lhe pede e que ele não sabe o que é. Será o Opus Dei.
Meses mais tarde, decide fazer-se sacerdote e começa os estudos eclesiásticos como aluno externo do Seminário de Logroño.

- 1919 **28 de fevereiro.** Nasce o seu irmão Santiago.
- 1920 Terminados os estudos de Humanidades e de Filosofia, e aprovado no primeiro ano de Teologia, muda-se para Saragoça a fim de completar os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia. Reside no Seminário de São Francisco de Paula.
- 1922 O Cardeal Soldevila, Arcebispo de Saragoça, confia-lhe o cargo de Inspetor do Seminário de São Francisco de Paula; tinha somente vinte anos de idade.
28 de setembro. O Arcebispo confere-lhe a tonsura e, em **dezembro**, as Ordens menores.
- 1923 Inicia o curso de Direito na Universidade civil de Saragoça. Até **junho de 1924**, faz simultaneamente os estudos civis e os eclesiásticos.
Em **4 de junho**, o Cardeal Soldevila morre assassinado.
- 1924 **14 de junho.** Recebe o Subdiaconado.
27 de novembro. O seu pai falece em Logroño.
20 de dezembro. Recebe o Diaconado.
- 1925 **28 de março.** Recebe a ordenação sacerdotal na igreja do Seminário de São Carlos das mãos de D. Miguel de los Santos Díaz Gómara. E em **30 de março** celebra a sua primeira Missa solene na Capela do Pilar de Saragoça.
No dia seguinte, vai como vigário paroquial para Perdiguera, um povoado próximo de Saragoça.
Em **18 de maio**, regressa a Saragoça, onde se encarrega de uma capelania na igreja de São Pedro Nolasco. Continua os estudos de Direito, dá aulas particulares e leciona Direito Romano e Canônico no Instituto Amado.
- 1927 Em **janeiro**, conclui a licenciatura em Direito.
De **2 a 18 de abril**, atende a paróquia de Fombuena.
Em **19 de abril**, muda-se para Madri e a partir de **junho** é capelão do Patronato dos Enfermos, obra das Damas Apostólicas do Sagrado Coração de Jesus.
- 1928 Em **2 de outubro**, enquanto fazia o seu retiro na Casa Central dos Lazaristas de Madri, vê o Opus Dei.

- 1930 **14 de fevereiro.** Em Madri, enquanto celebrava a Santa Missa, vê que é Vontade de Deus que também as mulheres pertençam ao Opus Dei.
- 1931 Em **setembro**, é nomeado capelão do Patronato de Santa Isabel e em **outubro** deixa a Capelania do Patronato dos Enfermos.
- 1932 **Dezembro:** dá a conhecer em Madri o primeiro fascículo de *Considerações Espirituais*. É um conjunto de 17 folhas datilografadas das quais se tiram cópias em mimeógrafo. Contém 246 considerações numeradas.
Também distribui cópias mimeografadas do seu escrito *Santo Rosário*.
- 1933 Em **21 de janeiro**, dá início a uma atividade de formação espiritual para universitários.
Julho: difunde um novo fascículo de *Considerações Espirituais*. São 7 folhas de características iguais às do primeiro fascículo, com 87 novos textos de numeração consecutiva à do anterior, até chegar ao número 333.
Em **dezembro**, abre na rua Luchana a Academia DYA, primeiro “trabalho apostólico” do Opus Dei.
- 1934 Em fins de junho, edita em Cuenca, na gráfica “La Moderna”, *Considerações Espirituais*.
Publica também, em Madri, a primeira edição impressa de *Santo Rosário*.
Em **setembro**, amplia a Academia DYA e transfere-a para a rua Ferraz 50, onde se conta também com uma Residência de estudantes.
Em **11 de dezembro**, é nomeado Reitor do Patronato de Santa Isabel.
- 1936 Durante os primeiros meses da Guerra civil, permanece em Madri, com evidente risco de vida. Refugia-se em diversas casas particulares e depois num estabelecimento psiquiátrico: a Casa de Repouso e Saúde dirigida pelo Dr. Suills, seu amigo.
- 1937 Em **14 de março**, refugia-se na Legação de Honduras e, em fins de agosto, obtém uma documentação que lhe permite uma certa liberdade.
Em **8 de outubro**, sai de Madri.
De **19 de novembro a 2 de dezembro**, atravessa os Pireneus junto com alguns membros do Opus Dei e outras pessoas.
Em **12 de dezembro**, chega a San Sebastián.

De **18 a 24 de dezembro**, faz o seu retiro espiritual desse ano no Palácio Episcopal de Pamplona, hospedado pelo Bispo dessa cidade, D. Marcelino Olaechea, seu grande amigo.

- 1938 A partir de **8 de janeiro**, domicilia-se em Burgos. Viaja até os lugares mais diversos para continuar o seu trabalho apostólico. A partir de **29 de março**, reside no Hotel Sabadell dessa cidade. Passa em Ávila a semana de **8 a 14 de agosto**, em companhia do Bispo dessa cidade, D. Santos Moro. Prepara os retiros que dará a seguir.
De **18 a 25 de agosto**, prega um retiro a religiosas no Palácio Episcopal de Vitória.
De **4 a 10 de setembro**, prega um retiro a sacerdotes no Seminário da diocese de Vitória (Vergara).
De **26 de setembro a 1º de outubro**, faz o seu retiro espiritual em Silos.
Em **13 de dezembro**, passa a residir na pensão da rua Concepción 9, em Burgos, onde concluirá a redação de *Caminho*.
- 1939 **2 de fevereiro**: acaba de datilografar o manuscrito original de *Caminho*.
Em **28 de março**, retorna a Madri.
Valência, **29 de setembro**: lugar e data da edição-príncipe de *Caminho*. Em junho, também se tinha editado ali o *Santo Rosário*.
Em **dezembro**, obtém o grau de Doutor em Direito na Universidade de Madri.
O Opus Dei começa a difundir-se pela Espanha: Valência, Barcelona, Valladolid, Saragoça, Bilbao, Sevilha, Santiago. A Segunda Guerra Mundial impede o começo em outras nações.
- 1940 Prega numerosos retiros a sacerdotes e religiosos.
- 1941 Em **19 de março**, o Bispo de Madri aprova o Opus Dei como Pia União.
Em **22 de abril**, falece a sua mãe em Madri.
- 1943 Em **14 de fevereiro**, funda a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz: solução jurídica que permite a ordenação de sacerdotes no Opus Dei.
Em **11 de outubro**, o Opus Dei recebe o *nihil obstat* da Santa Sé para a sua ereção diocesana. É erigido na diocese de Madri em 8 de dezembro.
- 1944 **25 de junho**: ordenação sacerdotal dos três primeiros fiéis do Opus Dei. Publica uma extensa monografia de caráter canônico-

-teológico, intitulada *A Abadessa de las Huelgas*, que tem como ponto de partida a sua tese de doutoramento de 1939.

No mês de **outubro**, enquanto prega um retiro aos agostinianos do Mosteiro do Escorial, é-lhe diagnosticada uma diabetes mellitus.

- 1946 Em **23 de junho**, chega a Roma. Começa o trabalho estável do Opus Dei em Portugal, Itália e Grã-Bretanha.
Em **13 de agosto**, a Santa Sé publica um documento de louvor dos fins do Opus Dei.
- 1947 Em **2 de fevereiro**, Pio XII promulga a Constituição *Provida Mater Ecclesia* e em **24 de fevereiro** o Opus Dei obtém o *Decretum laudis*. Começa o trabalho estável do Opus Dei na França e na Irlanda.
- 1949 Impulsiona de Roma a expansão do Opus Dei por todo o mundo. Começa o trabalho apostólico no México e nos Estados Unidos. O Fundador faz a sua primeira viagem pela Europa central.
- 1950 Em **16 de junho**, Pio XII concede ao Opus Dei a aprovação definitiva.
- 1952 Em **outubro**, começa em Pamplona o Estudo Geral de Navarra, que depois se converterá na Universidade de Navarra.
- 1954 No dia **27 de abril**, festa de Nossa Senhora de Montserrat, sofre repentinamente um choque anafilático: dá a impressão de que faleceu. Refaz-se em pouco tempo e fica curado da grave diabetes de que sofria havia dez anos.
- 1955 Em **dezembro**, obtém o doutorado em Sagrada Teologia na Universidade Lateranense de Roma.
- 1956 Celebra-se em Einsiedeln (Suíça) o II Congresso Geral do Opus Dei.
Em **19 de dezembro**, é nomeado membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.
- 1957 Em **20 de junho**, morre em Roma a sua irmã Carmen.
Em **23 de julho**, é nomeado Consultor da Congregação de Seminários e Universidades.
- 1958 Falece Pio XII e é eleito João XXIII.
Tem início o trabalho estável do Opus Dei no Japão, no Quênia e em El Salvador.

- 1960 Em **21 de outubro**, recebe o título de Doutor *honoris causa* pela Universidade de Saragoça.
Em **25 de outubro**, assiste ao ato pelo qual se erige a Universidade de Navarra. É nomeado Filho Adotivo de Pamplona.
- 1961 João XXIII nomeia-o Consultor da Comissão Pontifícia para a Interpretação autêntica do Código de Direito Canônico.
- 1962 Em **11 de outubro**, começa o Concílio Vaticano II.
- 1963 Morre João XXIII e em **21 de junho** é eleito Paulo VI.
- 1964 Em **24 de janeiro**, Paulo VI recebe pela primeira vez em audiência Mons. Escrivá.
Em **novembro**, celebra-se em Pamplona a 1ª. Assembleia de Amigos da Universidade de Navarra, bem como um ato acadêmico de nomeação de doutores *honoris causa*.
- 1965 Em **8 de dezembro**, encerra-se o Concílio Vaticano II.
- 1967 Realiza-se a 2ª. Assembleia de Amigos da Universidade de Navarra, durante a qual se celebra uma missa campal em que Mons. Escrivá prega a “homilia do Campus”: *Amar o mundo apaixonadamente*.
- 1968 Publica-se *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, livro em que se reúnem as entrevistas concedidas por Mons. Escrivá a *Time*, *Le Figaro*, *New York Times*, *L'Osservatore della Domenica*, etc.
- 1970 Em **2 de fevereiro**, começam as obras do Santuário de Torreciudad.
Em **15 de maio**, Mons. Escrivá vai ao México, onde permanece até **23 de junho** e prega a milhares de pessoas.
- 1972 De **outubro a novembro**, realiza uma longa viagem de caráter apostólico pela Espanha e Portugal. Durante essa viagem, recebe numerosas visitas e tem muitos encontros com milhares de pessoas.
- 1973 Em **março**, publica-se *É Cristo que passa*, que reúne 18 homilias pregadas entre 1951 e 1971.
- 1974 De **22 de maio a 31 de agosto**, realiza uma viagem de caráter apostólico por Brasil, Argentina, Chile, Peru, Equador e Venezuela.

- 1975 De **4 a 24 de fevereiro**, continua a sua viagem pela América e visita a Venezuela e Guatemala. Adoentado, retorna a Roma.
Em **28 de março** – que naquele ano caiu em uma Sexta-feira Santa –, celebra na intimidade as suas bodas de ouro sacerdotais.
Em **26 de junho**, por volta do meio-dia, falece no seu quarto de trabalho.
No dia seguinte, **27 de junho**, é sepultado na Cripta da atual igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, na Sede Central do Opus Dei.
Em **15 de setembro**, Mons. Álvaro del Portillo é eleito como sucessor de Mons. Escrivá.
- 1977 Publica-se *Amigos de Deus*, segundo volume de homilias.
- 1981 No dia **19 de fevereiro**, o Cardeal-Vigário de Roma, Ugo Poletti, promulga o Decreto de Introdução da Causa de Canonização de Mons. Escrivá.
De **12 a 18 de maio**, abre-se no Vicariato de Roma e em Madri o processo cognitivo sobre a sua vida e virtudes.
Em **fevereiro**, publica-se *Via Sacra*, obra póstuma.
- 1982 Em **28 de novembro**, João Paulo II erige o Opus Dei como Prelazia pessoal.
- 1986 Em **8 de novembro**, conclui-se o processo cognitivo em Roma. Entrega-se à Congregação da Causa dos Santos um dossiê de 8.000 páginas.
No mês de **outubro**, publica-se *Sulco*, outra obra póstuma.
- 1987 Em **outubro**, publica-se *Forja*, também obra póstuma.
- 1990 Em **9 de janeiro**, erige-se em Roma o Ateneu Romano da Santa Cruz, que passaria a ser depois a Pontifícia Universidade da Santa Cruz.
Em **9 de abril**, o Papa promulga o Decreto que proclama as virtudes heroicas de Mons. Escrivá.
- 1991 Em **6 de julho**, o Papa promulga o Decreto que reconhece a autenticidade de um milagre realizado por intercessão de Mons. Escrivá.
- 1992 Em **17 de maio**, é beatificado por João Paulo II na Praça de São Pedro em Roma.

- 2001 Em **20 de dezembro**, o Papa João Paulo II assina o Decreto de aprovação do milagre que abre o caminho à canonização do Beato Josemaria Escrivá.
- 2002 Roma, **6 de outubro**: Mons. Escrivá é canonizado por João Paulo II na Praça de São Pedro.

I

INTRODUÇÃO GERAL

I. O AUTOR

§ 1. TRAÇOS BIOGRÁFICOS¹

Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás (1902-1975), o Autor de *Caminho*, nasceu em Barbastro (Espanha) no dia 9 de janeiro de 1902 e foi batizado no dia 13 na Catedral da cidade, sede de um dos mais antigos bispados pirenaicos. A sua infância e a primeira adolescência estarão unidas para sempre a essa pequena cidade do Alto Aragão. Ali se casaram os seus pais, José Escrivá y Corzán e Dolores Albás y Blanc, oriundos de antigas famílias de Aragão e da Catalunha. Ali nasceram as suas irmãs: Carmen, três anos mais velha, e outras três mais novas, que faleceram ainda muito pequenas; ali estudou os primeiros anos do primário no Colégio dos Padres Escolápios. O ambiente familiar, de acendrada vida cristã, marcou algumas das qualidades básicas do seu caráter: o amor à liberdade, a simplicidade no trato, a compreensão humana, a laboriosidade, o bom humor, o sentido de família e de lar. O pai, comerciante, faliu na sua firma de tecidos, em boa parte devido ao seu bom caráter e à sua honestidade de cristão. Essa falência levou-o a deixar Barbastro e mudar-se para Logroño, onde havia encontrado emprego num negócio similar. Pouco depois, acompanhou-o a família, que, naquela situação dolorosa e no meio de um grande aperto econômico, recomeçou a sua vida ordinária.

De 1915 a 1918, Escrivá cursou os três últimos anos do ginásio no Colégio Geral e Técnico da capital da Rioja. Foi no ano letivo de 1917-18 que começou a ter “vislumbres” [“barruntos”] – esta é a palavra que empregava para se referir ao que dizemos – de alguma coisa que Deus lhe pedia e que não sabia o que era. As pegadas de um carmelita descalço na neve foram, segundo os seus biógrafos, decisivas para o novo rumo que a sua vida ia tomar: intensificou a sua

¹ As biografias ou perfis que abarcam todo o arco da vida de Josemaría Escrivá publicadas até a data são, por ordem cronológica de aparecimento, as seguintes: Salvador BERNAL, Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer. *Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei*, Rialp, Madri, 1976 (trad. bras. *Perfil do Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo, 1977); François GONDRAND, *Au pas de Dieu: Josemaría Escrivá de Balaguer, fondateur de l'Opus Dei*, Éditions France-Empire, Paris, 1982; Peter BERGLAR, *Opus Dei: Leben und Werk des Gründers Josemaría Escrivá*, Müller, Salzburg 1983; Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, *El Fundador del Opus Dei*, Rialp, Madri, 1983 (trad. bras. *O Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo, 1989); Hugo DE AZEVEDO, *Uma luz no mundo: vida do Servo de Deus Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer fundador do Opus Dei*, Prumo, Lisboa 1988; Ana SASTRE, *Tiempo de caminar: semblanza de Monseñor Josemaría Escrivá de Balaguer*, Rialp, Madri 1989; Claudio SORGI, *II Padre, Josemaría Escrivá de Balaguer*, Piemme, Casale Monferrato, 1992; José Miguel CEJAS, *Vida del beato Josemaría*, Rialp, Madri 1992; John F. COVERDALE, *Uncommon faith: the early years of Opus Dei, 1928-1943*, Scepter, Princeton, 2002; Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, *El Fundador del Opus Dei: I. Señor, que vea!* (1997); II. *Dios y Audacia*; e III. *Los caminos divinos de la tierra* (2002), Rialp, Madri (trad. bras. dos três volumes publicada pela Quadrante em 2004).

vida de piedade, começou a ter direção espiritual e, sobretudo, desistiu do seu projeto de estudar Arquitetura e tomou a decisão de fazer-se sacerdote, para estar assim em melhores condições de corresponder a essa Vontade de Deus que, no entanto, não conhecia. Consultou o pai, que, depois de lhe fazer considerações ditadas pela prudência, lhe deu a mais plena liberdade. “Foi a única vez que o vi chorar”, comentaria o Autor de *C* muitos anos depois. Em outubro daquele ano, começou a assistir como aluno “externo” às aulas do Seminário, onde estudou de 1918 a 1920. O Senhor enviou aos seus pais um novo filho, Santiago, que nasceu em 1919.

A época de Logroño – que sob este aspecto continuou em Saragoça – foi também sumamente intensa na formação literária e cultural do futuro Autor de *C*, que leu amplamente os clássicos espanhóis, especialmente Calderón de la Barca, Quevedo, Cervantes, Lope de Vega, Frei Luís de Granada e, de modo especial, Santa Teresa de Jesus, “pela qual sempre manifestou uma grande devoção, tanto pela sua obra apostólica em serviço da Igreja, como pelo seu itinerário de entrega e trato com Deus”. Esse gosto pela tradição clássica deixará uma marca definitiva no esmero da sua linguagem oral e escrita e na solidez das suas convicções religiosas e espirituais, que se prolongará ao longo de toda a sua vida – e na medida em que essa vida lho permitir – mediante releituras das grandes obras, quer literárias, quer de cultura teológica e canônica (especialmente relativa à dogmática e à patrística)².

Quando terminou os estudos filosóficos e a seguir o primeiro ano de Teologia, mudou-se para Saragoça. A sua jovem vida de estudante estava já configurada por aquelas pegadas na neve e aqueles vislumbres. A decisão de ser sacerdote era firme, embora continuasse a não “ver” o que Deus queria dele. Pode-se dizer, fazendo-nos eco da Escritura, que caminhava para a terra que o Senhor lhe havia de mostrar, e caminhava sem saber para onde ia (cfr. Heb 11, 8).

Em Saragoça, terminou os seus estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia. Residia no Seminário de São Francisco de Paula, do qual foi nomeado Inspetor em 1922, sendo ainda estudante. Em 1923, enquanto prosseguia os estudos eclesiásticos, começou também, como seu pai lhe havia aconselhado naquela inesquecível conversa, o curso de Direito na Universidade de Saragoça (estatal), que, passados anos (1960), o faria Doutor “honoris causa”. Em novembro de 1924, falecia em Logroño o sr. Escrivá, poucos meses depois de o seu filho ter recebido o subdiaconado. A família, sem outro vínculo em Logroño e a braços com uma grande penúria econômica, mudou-se para Saragoça a fim de estar mais perto do filho mais velho. Este via-se assim com a responsabilidade de ser o cabeça daquela família afogada na dor, ao mesmo tempo que se dispunha, no meio da escuridão interior, a percorrer os últimos passos rumo ao sacerdócio: “Domine, ut videam! Domine, ut sit”; e também “Domina, ut sit!”³

² Veja-se Javier ECHEVARRÍA, *Recordações sobre Mons. Escrivá*, Quadrante, São Paulo, 2001.

³ Meditação “Os passos de Deus”, Roma 14-II-1964; texto em AGP, sec P, leg 1, 1976, pág. 52.

A ordenação sacerdotal teve lugar em 28 de março de 1925 na igreja do Real Seminário Sacerdotal de São Carlos. Conferiu-lhe a ordem do Presbiterado o Presidente do Seminário, D. Miguel de los Santos Díaz Gómara, Bispo titular de Tagora, pois D. Rigoberto Doménech, nomeado Arcebispo de Saragoça para suceder ao cardeal Soldevila (assassinado por um anarquista em junho de 1923), não havia ainda tomado posse da diocese. No dia seguinte à ordenação, Josemaria Escrivá deixava o Seminário e no dia 30 celebrava diante da Virgem do Pilar a sua primeira Missa, em sufrágio pela alma do pai. No dia 31, começava a exercer o seu primeiro encargo pastoral, que duraria dois meses: vigário paroquial da paróquia de Perdiguera (Saragoça).

De regresso a Saragoça, continuou durante dois anos a sua tarefa sacerdotal, avançando ao mesmo tempo nos seus estudos jurídicos até obter a licenciatura em Direito em janeiro de 1927. Esse ano seria o da sua mudança para Madri. No dia 17 de março, o Arcebispo de Saragoça autorizava-o a residir na capital da Espanha e em abril Escrivá já estava na “Vila e Corte”. Ia fazer o Doutorado em Direito, mas – na realidade profunda – Deus o levava para lá a fim de, finalmente, lhe dar a conhecer a sua Vontade.

A partir de então, a vida de Josemaria Escrivá teve uma data decisiva – 2 de outubro de 1928, dia em que o Senhor lhe fez “ver” o Opus Dei – e duas cidades de referência: primeiro, Madri, de onde percorreria de formas muito diversas a Espanha e Portugal; e depois Roma, de onde empreenderia frequentes viagens apostólicas pela Europa e América. É nesse marco que se inscreve desde esse momento a biografia do Autor de C.

Os primeiros anos de Madri (1927-1934) são para nós da máxima importância: constituem o “habitat”, o contexto humano e sobrenatural de mais de metade do texto de C: refiro-me à parte que seria publicada em Cuenca sob o título de *Considerações Espirituais* (que passamos a citar com a abreviatura *Cec*), e à que escreveu durante a guerra civil na Legação de Honduras. Inicialmente, Escrivá alojou-se na Residência de sacerdotes da rua Larra e, em junho de 1927, teve o seu primeiro encargo pastoral, que desempenhou até outubro de 1931: primeiro capelão do Patronato dos Enfermos, uma obra que as Damas Apostólicas do Sagrado Coração (Congregação religiosa fundada em 1924 por Luz Rodríguez-Casanova⁴) tinham na rua Santa Engrácia e que atendia, material e espiritualmente, milhares de pobres e enfermos. Em novembro de 1927, alugou um sótão no n. 46 da rua Fernando o Católico, e pouco depois chegavam, aos seus cuidados, a sua mãe e os seus dois irmãos. Para fazer frente à escassez de recursos econômicos, passou a dar aulas de Direito Romano e de Instituições de Direito Canônico na Academia Cicuéndez (dirigida pelo sa-

⁴ Luz Rodríguez-Casanova y García San Miguel (1873-1949), de família ilustre, nasceu em Avilés (Astúrias) e mudou-se para Madri em 1885, dedicando-se plenamente ao apostolado com os habitantes dos bairros periféricos de Madri. Em 1907, funda o Patronato dos Enfermos e, em 1924, o que seria a Congregação das Damas Apostólicas do Sagrado Coração. Cfr. *Luz Casanova. Uma vida consagrada aos pobres*, Madri, 1991.

cerdote e jurista Dr. José Cicuéndez), entre o ano acadêmico 1927-28 e o de 1932-33. Também procurava dar aulas particulares.

Mas procurava sobretudo almas. Almas de homens e mulheres que conhecia por ocasião do amplo e incansável trabalho sacerdotal que começou a desenvolver. Movia-se nos mais diversos ambientes, especialmente entre os universitários, os pobres e desvalidos dos bairros da periferia e os doentes e moribundos dos hospitais. As suas jornadas nesta época de Madri foram descritas pelos seus biógrafos. O tempo para a sua tese de doutoramento e os estudos jurídicos tinha de ceder ante a pressão das almas. Confessava, pregava e ensinava onde podia e lhe deixavam. Ia de um lado para outro – aulas, confissões, pregação, catequese, atenção aos enfermos –, percorrendo de ponta a ponta a geografia madrilenha. Estudava e lia muitas vezes pela rua. Era um “contemplativo itinerante”⁵, impelido pelo amor a Deus e aos homens. E continuava a procurar sem parar aquela misteriosa Vontade de Deus: “Domine, ut videam! ut sit...” era a sua oração desde os vislumbres... Clamava e cantava: “Ignem veni mittere in terram et quid volo nisi ut accendatur?” (Lc 12, 49; Vulgata), e respondia a si próprio oferecendo-se ao Senhor: “Ecce ego quia vocasti me” (1 Sam 3, 6).

O Patronato, a família na rua Fernando o Católico, os pobres e os doentes, os moribundos, os estudantes da Academia Cicuéndez, os seus amigos sacerdotes, os estudos de doutorado, a liturgia e a oração..., essas eram as preocupações cotidianas e o ambiente – o contexto – em que vivia quando no dia 2 de outubro de 1928 o Senhor finalmente o fez conhecer a sua Vontade – o Opus Dei –, enquanto fazia o seu retiro na Residência dos Padres Lazaristas, na rua García de Paredes. Referiu-se a esse momento histórico num documento de 1934, escrito para o pequeno grupo que o acompanhava naquela altura e pensando nos fiéis que viriam para o Opus Dei no futuro:

“A Obra de Deus não foi inventada por um homem. Faz muitos anos que o Senhor a inspirava a um instrumento inepto e surdo, que a viu pela primeira vez no dia dos Santos Anjos da Guarda, dois de outubro de mil novecentos e vinte e oito”⁶.

“Desde aquele dia – tinha escrito no terceiro aniversário da fundação –, o burrico sarnento *percebeu* a bela e pesada carga que o Senhor, na sua bondade inexplicável, tinha posto sobre as suas costas”⁷.

Os “muitos anos” de que fala são os anos daqueles vislumbres, que nessa data tão determinada se tornaram luz, clarão. Naquele 2 de outubro, finalmen-

⁵ Assim o qualifica o Decreto de 9-IV-1990 da Congregação para as Causas dos Santos, destacando as virtudes heroicas de Josemaria Escrivá; texto em AAS 72 (1990) 1450-1455: o Autor de C vivia “*in assidua illa experientia unitiva qua vere effectus est peragrans contemplativus*”.

⁶ *Instrução*, 19-III-1934, nn. 6-7; itálico do original.

⁷ Caderno 4, 2-X-1931, n. 306; itálico do original. Sobre a expressão “burrico sarnento”, vejam-se os com. aos p/420 e 493.

te “vê” e “percebe”. Foi um acontecimento místico, que se iria tematizando em interação com a história vivida. É necessário remeter à bibliografia sobre a fundação do Opus Dei para aprofundar nesse ver e perceber. Mas pode-se dizer, em síntese, que São Josemaria “descobre” a chamada universal à santidade que Deus dirige aos homens e mulheres comuns para que a realizem não só em situações extraordinárias, mas no seio do trabalho humano e das circunstâncias mais correntes da vida; uma chamada que ele vê “esquecida” na prática dos cristãos, dominada em muito boa parte pela separação entre a fé e a vida diária. Ao mesmo tempo, percebe uma chamada concreta do Senhor: “Deus quer que ele consagre a totalidade das suas energias a promover uma instituição – uma Obra, para empregar o termo a que recorreu desde o princípio – que tenha por finalidade difundir entre os cristãos que vivem no mundo uma profunda consciência da chamada que Deus lhes dirigiu desde o exato momento em que receberam o Batismo. Mais ainda, uma Obra [...] formada por cristãos comuns que, ao descobrirem o que a vocação cristã traz consigo, se comprometem com essa chamada e se esforçam a partir daí por comunicar essa descoberta aos outros, difundindo assim pelo mundo a consciência de que a fé pode e deve vivificar a partir de dentro a existência humana, com todas as realidades que a integram: em primeiro lugar, as exigências do trabalho profissional de cada um e, em geral, a vida familiar e social, o empenho científico e cultural, a convivência cívica, as relações profissionais...”⁸

A luz do dia 2 de outubro era uma luz claramente fundacional, um carisma do Espírito que mobilizou todas as energias daquele sacerdote de 26 anos ao serviço daquela “mensagem” e do desenvolvimento daquela Obra nascente que devia difundir por toda a parte. Uma luz fundacional que no 14 de fevereiro de 1930 brilhou de novo diante do Fundador – na Santa Missa, depois da Comunhão, como explicou – para dar entrada às mulheres no Opus Dei.

Desde aquele 2 de outubro e da maneira mais radical, o Opus Dei foi o “lugar” de Josemaria Escrivá na vida e na missão da Igreja, o porquê e o para quê da sua própria vida. Isto quer dizer – entre muitas outras coisas – que C se inscreve nesse horizonte vital e, como iremos examinando ponto por ponto, reflete muitos aspectos da história vivida pelo seu Autor no esforço por corresponder, dia após dia, a essa explícita Vontade de Deus.

Mas depois daquela experiência sobrenatural, a vida continuou o seu ritmo numa Madri que já pressagiava revolução e tormenta. Em maio de 1931, em momentos de agitação popular anticlerical, nos dias da queima de conventos, Escrivá vê-se obrigado a deixar a sua residência no Patronato dos Enfermos e a mudar-se, com a família, para uma modesta casa na rua Viriato⁹. Ali residiu

⁸ A. de Fuenmayor, V. Gómez-Iglesias, J.L. Illanes, *El itinerario jurídico del Opus Dei*, 1989, pág. 27.

⁹ Caderno 3, n. 202, 18-V-1931: “No dia 13, soubemos que pretendiam queimar o Patronato e, às quatro da tarde, saímos com os nossos móveis para a rua Viriato 22, para um apartamento ruim – interior – que por providência de Deus encontrei”.

até dezembro de 1932. Durante aquele ano e meio, esse quarto foi testemunha de especiais luzes de Deus de caráter fundacional e de um desenvolvimento especialmente intenso do trato pessoal com o Espírito Santo e da “vida de infância”. Ali escreveu os Cadernos 4, 5 e boa parte do 6º. dos seus *Apontamentos íntimos*. Ali o Senhor “dava-me oração contínua, mesmo dormindo”¹⁰. Ali percebia que tudo o que ele poderia oferecer ao Senhor era nada. “Nada – continuava a escrever, em diálogo com o seu Senhor – ante a maravilha que representa este fato: um instrumento paupérrimo e pecador que planeja com a tua inspiração a conquista do mundo inteiro para o seu Deus, situado no maravilhoso observatório de um quarto interior de uma moradia modesta, onde tem o seu assento toda a incomodidade material”¹¹.

Em setembro de 1931, começou a desempenhar o cargo de Capelão do Patronato de Santa Isabel e em dezembro de 1934 foi nomeado Reitor desse Patronato, uma antiga instituição madrilena, no bairro de Atocha, com dois conventos de monjas no seu recinto. A família, que, desde fins de 1932, tinha deixado Viriato e vivia na rua Martínez Campos 4, muda-se agora, em meados de 1934, para a residência do Reitor no Patronato.

Esses encargos pastorais eram simplesmente o marco da vida eclesiástica que lhe permitia permanecer em Madri, pois o destino e a missão da sua vida era tratar de levar avante o Opus Dei, sem nenhum meio humano. Começou por secundar as luzes que recebera de Deus no dia 2 de outubro de 1928: “Desde então, comecei a contactar com almas de leigos, estudantes ou não, mas jovens. E a formar grupos. E a rezar e fazer rezar. E a sofrer...”¹² Foram chegando os primeiros fiéis do Opus Dei. No ano acadêmico de 1933-34, deu início, na rua Luchana, à Academia DYA (Direito e Arquitetura; na realidade, Deus e Audácia), que no ano seguinte se muda para a rua Ferraz n. 50, porém não só como Academia, mas como Residência de Estudantes universitários. Os anos de 34-35 e 35-36 foram de grande expansão do trabalho apostólico. Em julho de 1936, a Residência transfere-se para uma casa mais adequada na própria rua Ferraz, n. 16; ao mesmo tempo, planeja-se iniciar a tarefa do Opus Dei em Paris e, no mês de outubro, em Valência.

Tudo ruiu. Em plena mudança da Residência, começou a guerra civil. A casa da rua Ferraz n. 16 estava em frente do denominado Quartel da Montanha (onde esteve o foco do conflito dos primeiros dias da guerra em Madri). A Espanha ficou dividida em duas, as chamadas “zona nacional” e “zona republicana”, e os membros do Opus Dei, bem como os residentes e alunos de Ferraz, espalharam-se – eram as férias de verão – por essas duas regiões.

Como todos os sacerdotes em Madri, Escrivá corria grave perigo de vida. Vagueou de um lugar para outro na cidade e, finalmente – em março de

¹⁰ Caderno 6, n. 877, 24-XI-1932.

¹¹ *Ibidem*. O texto transcrito é precedido do futuro p/837 de C e seguido do p/474. Leiam-se neste contexto.

¹² Nota marginal autógrafa no Caderno 4, n. 306.

1937 –, conseguiu refugiar-se na Legação de Honduras. A sua estada nesse edifício do Paseo de la Castellana, junto à Praça Castelar, terá uma forte repercussão em C, como teremos ocasião de observar. Em dezembro desse ano, com um grupo de amigos e membros do Opus Dei, São Josemaria passou para a zona nacional através dos Pireneus, Andorra e França. Foi uma decisão que lhe custou muito tomar, por causa dos que deixava em Madri, mas não havia outra saída para recomeçar o mais cedo possível o trabalho apostólico do Opus Dei. Em Madri e na zona republicana, ficavam a sua mãe e irmãos, assim como outros fiéis do Opus Dei, com o engenheiro Isidoro Zorzano à frente¹³.

Entrou pela fronteira de Irún. Depois de passar uns dias em Pamplona, como hóspede do Bispo da cidade, D. Marcelino Olaechea¹⁴, fixou a sua residência em Burgos, porque era o ponto de encontro dos que estavam nas frentes de batalha e aproveitavam os dias de licença para ir até à cidade. Escrivá viajava por todos os lugares, visitando os seus filhos espirituais, quer fosse num caminhão, num ônibus ou num vagão em mau estado onde se acumulavam mercadorias. “Padre – escrevia-lhe um deles, agradecido –, o senhor vai ter um lugar no Céu de dar inveja aos próprios anjos”¹⁵. Em Burgos e nessas

¹³ Isidoro Zorzano Ledesma (1902-1943). Nascido em Buenos Aires, mudou-se com a família para a Espanha em 1905. Vivia em Logroño, onde fez os seus estudos dos cursos fundamental e médio, e, desde 1915, foi condiscípulo de São Josemaria no Colégio Geral e Técnico de Logroño. Formou-se em Engenharia Industrial em Madri, e, em 1930, tornou-se um dos primeiros membros do Opus Dei. Como residia em Málaga desde 1928, o seu relacionamento com o Fundador do Opus Dei transcorreu sobretudo por meio de uma frequente e rica correspondência. Em 1936, retornou a Madri, pouco antes do começo da guerra civil. Durante a contenda, e por ter a nacionalidade argentina, desempenhou um papel capital como elemento de ligação entre São Josemaria e os membros da Obra que estavam dispersos pela geografia espanhola, muitos deles em circunstâncias difíceis. Desempenhou esta tarefa pondo a sua vida em risco. Acabada a guerra, voltou ao seu trabalho profissional, mas pouco depois foi-lhe diagnosticada uma grave enfermidade, da qual faleceu em 1943. Cinco anos depois, abria-se o seu Processo de Canonização.

¹⁴ Marcelino Olaechea Loizaga (1889-1972), salesiano, natural de Baracaldo (Biscaia), ordenou-se sacerdote em 1915; em 1935 foi nomeado Bispo de Pamplona e em 1936 Arcebispo de Valência. Conheceu Escrivá em 1931, quando residia nos Salesianos de Atocha, em Madri, e viam-se com frequência até o começo da guerra; era grande a amizade entre eles. Em dezembro de 1937, logo depois de passar os Pireneus e chegar à zona nacional, o Fundador do Opus Dei acolheu-se à hospitalidade de D. Marcelino e morou no Palácio episcopal de Pamplona até os começos de janeiro de 1938. Durante essa estada, fez o seu retiro anual. Depois de se instalar em Burgos, visitou D. Marcelino em várias ocasiões e, terminada a guerra, pregou um retiro ao clero de Pamplona, a pedido do prelado. D. Marcelino teve sempre autêntica veneração pelo Fundador do Opus Dei, a quem considerava um homem de grande santidade.

¹⁵ Carta de Ricardo Abaurre a Josemaria Escrivá, Valenzuela 5-V-1938; AGP, sec N-2, maço 148, pasta D, exped 1. – Ricardo Abaurre Herreros de Tejada (1915-1988), arquiteto, nascido em Dos Hermanas (Sevilha). Conheceu o Autor em 1935 na Residência DYA. Depois da guerra, morou na Residência de Jenner até o ano letivo de 1940-41. Em 1957, entrou para o Opus Dei como supernumerário.

viagens, forja-se quase a outra metade dos pontos de C: os que não procedem de *Cec* ou não estavam já redigidos na Legação de Honduras.

A guerra acabará no dia 1º. de abril de 1939. No dia 28 de março, Josemaria Escrivá chegava a Madri num caminhão. Entre as poucas coisas que levava, estava o manuscrito de C, que nesse mesmo ano se distribuiria pelas livrarias. Mas não era isso o que o preocupava. A Residência de Ferraz estava em ruínas, como um símbolo da situação de toda a Espanha. Era preciso voltar a começar. E Escrivá recomeçou. E esse ato de fé, com tanto sofrimento por trás, significou a consolidação e o desenvolvimento de todo o trabalho. Chegavam jovens de toda a parte. Em julho de 1939, instalava-se uma primeira Residência de Estudantes no n. 10 da rua Jenner. O Autor pôde, finalmente, defender na Universidade Central a sua tese de doutoramento em Direito. A partir desse momento, a sua biografia, como já dissemos tantas vezes, identifica-se de uma maneira especialmente clara com a história do desenvolvimento institucional e apostólico da Obra; a sua tarefa é exclusivamente pastorear esse “pusillus grex”.

A década de quarenta é a da expansão do Opus Dei pela Península Ibérica e a das primeiras fases do seu itinerário jurídico. Poupo ao leitor dados e datas que pode encontrar na bibliografia. Mas é importante notar que, sobretudo nos primeiros anos dessa década, São Josemaria pôde experimentar o que chamou, com expressão clássica, a “contradição dos bons”. Para fazer cessar as investidas e sublinhar a plena eclesialidade do Opus Dei, o Bispo de Madri aprovou-o como Pia União em 19 de março de 1941. Um mês depois, morria a mãe de Josemaria Escrivá, enquanto este pregava em Lérida um retiro aos sacerdotes da diocese. Madri continuava a ser o seu lugar de residência habitual. Ali nasceu, em 14 de fevereiro de 1943, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz¹⁶, como dimensão do Opus Dei que tornava possível a ordenação sacerdotal dos seus fiéis no seio da Obra: três deles receberiam o presbiterado no ano seguinte.

A partir de 1946, São Josemaria fixa o seu domicílio em Roma, com frequentes passagens pela Espanha durante os primeiros anos. O *Decretum laudis* da Santa Sé em 1947 facilita a expansão do Opus Dei por numerosos países, além da Espanha, Portugal e Itália: primeiro, Inglaterra, França e Alemanha na Europa; depois, México e Estados Unidos na América. Em 1948, Mons. Escrivá erige o Colégio Romano da Santa Cruz, onde os milhares de fiéis do Opus Dei que seriam alunos desse Centro ao longo dos anos iriam conviver com ele habitualmente. 1950 é o ano da aprovação definitiva do Opus Dei pela Santa Sé. A década de cinquenta é a das suas frequentes viagens apostólicas pela Itália e outros países da Europa Ocidental, muitas vezes fazendo a “pré-história” – expressão sua – do Opus Dei por essas terras. Naqueles anos, obteve o Doutorado em Teologia no Laterano e o Papa Pio XII nomeou-o Consultor da Congregação de Seminários e Universidades. Mais tarde, João XXIII nomeou-o Consultor da Comissão para a interpretação do Código de Direito Canônico.

¹⁶ Era o aniversário daquele outro 14 de fevereiro, em que São Josemaria vira que as mulheres também poderiam pertencer ao Opus Dei.

São Josemaria Escrivá acompanhou intensamente o Concílio Vaticano II (1962-1965), que viria a acolher de modo solene o que era o núcleo dos seus afãs apostólicos e da sua pregação: a chamada universal de todos os cristãos à santidade e ao apostolado. Ao longo desses anos inesquecíveis e decisivos para a renovação da Igreja, recebeu centenas de bispos na sede central do Opus Dei em Roma. Nesses encontros, chegavam-lhe mais pedidos para que o Opus Dei se fizesse presente em novos países. Ao mesmo tempo, tinha que dirigir essa nave nos “tempos duros” que se seguiram ao Concílio. O seu modo de fazê-lo consistia, acima de tudo, em falar de Deus, isto é, em anunciar por toda a parte Jesus Cristo e pregar o seu Evangelho com toda a sua força original, *sine glosa*. É nesse contexto que se inscrevem as longas viagens de catequese que empreendeu, já nos últimos anos da sua vida, por diversos países. Em 1970, esteve no México e em 1972 percorreu durante dois meses a Espanha e Portugal. Em 1974, levou a cabo o seu trabalho apostólico na América do Sul, cujos países visitou um após o outro. Em 1975, poucos meses antes de falecer, tornou a viajar ao novo continente, tendo estado na América Central e na Venezuela.

Deixou encaminhadas e preparadas as peças teológico-jurídicas para que o Opus Dei pudesse ser erigido em Prelazia pessoal, uma figura jurídica preconizada pelo Concílio Vaticano II e que era a que se adequava ao fenómeno teológico-pastoral do Opus Dei, tal como entendia Mons. Escrivá e como entenderia a Santa Sé. Não pôde, no entanto, ver esse anelo realizado em vida. Seria Álvaro del Portillo, seu sucessor à testa do Opus Dei, quem daria os passos finais até o Opus Dei ser erigido em Prelazia pessoal pelo Papa João Paulo II, em 28 de novembro de 1982¹⁷.

Josemaria Escrivá faleceu em 26 de junho de 1975. Depois de celebrar de manhã cedo a Eucaristia – a Missa votiva da Santíssima Virgem – e de rezar o Ofício divino, tinha ido a Castelgandolfo com Álvaro del Portillo e Javier Echevarría para ter um encontro com um numeroso grupo de mulheres do Opus Dei, que faziam estudos no Colégio Romano de Santa Maria: exortou-as – a elas, mulheres leigas – a viver com “alma sacerdotal”, exercendo o sacerdócio comum dos fiéis para santificar o mundo. Era como uma síntese da sua mensagem. Ali sentiu-se indisposto, mas não deu importância ao mal-estar. De regresso a Bruno Buozzi, ao entrar no seu quarto de trabalho e enquanto dirigia o olhar a um quadro de Nossa Senhora de Guadalupe ali colocado, caiu ao chão e teve uma parada cardíaca, da qual não se recuperou. João Paulo II beatificou-o em 17 de maio de 1992 e canonizou-o em 6 de outubro de 2002.

¹⁷ Veja-se João Paulo II, *Discurso* ao Congresso sobre a *Novo millennio ineunte* organizado pela Prelazia do Opus Dei, Roma 17-III-2001. Nesse discurso, o Papa explicou que o Opus Dei é uma entidade de “natureza hierárquica”, organicamente estruturada nos três elementos que o compõem: os leigos – homens e mulheres –, os sacerdotes e o Prelado que os preside. O apostolado da Prelazia do Opus Dei brota da “convergência orgânica” desses três elementos.

§ 2. A SUA OBRA ESCRITA

Escrivá era um pastor de almas. Para ele, escrever, como falar, era uma dimensão desse pastoreio: pregar, ensinar, guiar. A sua própria tese de doutoramento em Direito, *La Abadesa de las Huelgas*¹⁸, que deu origem a uma extensa monografia publicada em 1944, tem essa intencionalidade de fundo. Em vida, publicou pouco: não queria aparecer. Antes da guerra civil, em 1934, publicou, sem menção do autor, dois opúsculos: *Considerações Espirituais* e *Santo Rosário* (este editado mais tarde por Ediciones Rialp, Madri, e que no ano 2000 estava na 43ª. edição); depois, em 1939, *Caminho*. Simultaneamente a essas publicações, escreveu e pôs a circular em mimeógrafo um conjunto de textos que chamou *Instruções*, documentos para a formação dos fiéis do Opus Dei. Nos primeiros anos quarenta – na época das contradições –, foi aconselhado a não publicar nada, e suspendeu o projeto de vários livros em que trabalhava, entre eles *Forja*. Não conheço outra publicação sua nesses anos quarenta, a não ser a edição da conferência sobre Institutos Seculares que deu em Madri, na Associação Católica Nacional de Propagandistas, em 1948. Mas continuou a escrever – chamo-me Escrivá... e escrevo, dizia – com o desejo de preparar textos que se difundissem pelas livrarias; está neste caso *Sulco*, cuja publicação anunciou em 1950 para daí a poucos meses. Mas, sobretudo, escrevia pensando na formação doutrinal, espiritual e apostólica dos fiéis do Opus Dei de todos os tempos. Com efeito, durante os anos cinquenta e sessenta trabalhou a fundo em outro “ciclo” de documentos – alguns de origem mais antiga – que chamou *Cartas*¹⁹, com a ideia de dá-los a conhecer aos seus destinatários no momento oportuno.

Naqueles anos, a presença pública de Josemaria Escrivá no campo bibliográfico resumia-se a *C*, cujas edições se multiplicavam por toda a parte, e em menor medida, *Santo Rosário*. A expectativa suscitada pelo anúncio de *Sulco* não se viu realizada e a publicação foi adiada *sine die*. Por isso, revestem-se de especial significado neste sentido os anos de 1966-1968, em que o Fundador do Opus Dei concedeu uma série de longas entrevistas a importantes meios de comunicação internacionais, pronunciando-se sobre os mais diversos temas da vida da Igreja e do espírito do Opus Dei; reunidas mais tarde num volume sob o título, no Brasil, de *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá* (Quadrante, 2016). O livro tem como último capítulo o texto da homilia que o Autor pronunciou na Eucaristia celebrada no Campus da Universidade de Navarra em 8 de outubro de 1967, um texto de profundo significado teológico e espiri-

¹⁸ *La Abadesa de las Huelgas. Estudio teológico-jurídico*, Madri 1944; Rialp, 3ª. ed.; Madri 1988.

¹⁹ É preciso distingui-las claramente do Epistolário do Fundador (EF), que reúne a correspondência ativa cotidiana de Josemaria Escrivá.

tual. Tanto a homilia como o livro tiveram uma ampla difusão e são textos fundamentais para a compreensão do pensamento do seu Autor naquelas datas tão imediatas ao Concílio Vaticano II.

A partir desse momento, como se pode ver pela bibliografia, Josemaria Escrivá começa a entregar para publicação – e traduzem-se para diferentes idiomas – numerosas meditações e homilias, isto é, textos procedentes da sua pregação oral. Aqui se impõe uma pequena digressão. Desde os primeiros tempos do Opus Dei, os seus membros tiveram um grande interesse em recolher e conservar as palavras do Fundador: do Padre, como o chamavam já desde o começo dos anos trinta. Daí a grande quantidade de notas, fichas, apontamentos que se conservam das suas meditações, homilias, palestras, colóquios, etc. São textos que, com maior ou menor fidelidade, traduzem a sua pregação e a sua conversação. Do final dos anos quarenta, conservam-se duas meditações em fita magnética. Já em Roma – nos anos cinquenta –, alguns começaram a taquigrafar essas palavras e, mais adiante, de forma discreta – pois Josemaria não queria aparecer – a gravar bastantes colóquios e palestras. A última etapa nesta coletânea é também consequência do “avanço tecnológico”: a filmagem e a transmissão televisiva dos grandes encontros ou reuniões de grupos com o Fundador, que depois de muitos esforços se conseguiu que ele autorizasse. O resultado de todo este trabalho foi o crescente acúmulo de materiais que testemunham, de um modo ou de outro, a sua abundantíssima pregação oral e que hoje se conservam no Arquivo da Prelazia.

Escrivá pregava ordinariamente a partir de um pequeno esquema – no começo, esses esquemas, como os que se citam copiosamente nesta edição, eram mais extensos – ou simplesmente com o Evangelho na mão, sem papéis, falando a partir dos textos da Escritura, que comentava. Por isso, quando em 1968, como disse, decidi publicar alguns textos da sua pregação – meditações e homilias –, o trabalho de prepará-los para serem impressos estava enormemente facilitado pelo imenso material a que me referi. As transcrições proporcionavam-lhe o corpo de cada meditação, que era submetido a uma cuidadosa revisão tendo em vista o texto definitivo, revisão que incluía – como ele próprio dizia certa vez ao explicar o seu método de trabalho – “outras fichas que já são cientificamente preparadas: de Padres da Igreja ou de escritores eclesiásticos, etc.”²⁰, e uma reconsideração do tema – muitas vezes pregado aos alunos do Colégio Romano da Santa Cruz – para estendê-lo aos leitores de todas as camadas. Assim foi dando para a impressão, de maneira sucessiva²¹, um conjunto de 40 homilias que se vê que correspondem a um plano muito concreto.

Com efeito, entre novembro de 1968 e março de 1973, foram aparecendo

²⁰ Notas de uma reunião na Residência Universitária Panamericana, México D.F, 31-V-1970; texto em AGP; sec A, maço 51.

²¹ Em coleções populares, de amplíssima difusão, publicadas por Ediciones Palabra, Madri.

uma após outra dezoito meditações sobre os principais momentos do Ano Litúrgico. Reunidas depois da publicação da última, deram lugar ao volume intitulado *É Cristo que passa*, publicado em 19 de março de 1973²². Concluída esta primeira série, começaram a editar-se nesse mesmo mês de março duas novas séries de homilias: uma, também de dezoito textos, sobre as virtudes cristãs, e outra, mais breve, com três meditações sobre a Igreja. A série sobre virtudes foi interrompida em agosto desse mesmo ano, quando já estavam publicadas oito meditações, e as dez restantes só vieram a ser editadas após a morte do Autor, nos anos de 1976 e 1977, também em pequenos cadernos. Em fins de 1977, esses textos foram reunidos no volume *Amigos de Deus* – assim o havia intitulado o Autor²³ –, que apareceu com a apresentação de Álvaro del Portillo. As homilias sobre a Igreja foram publicadas, sob o título *Amar a Igreja*, em 1986²⁴.

Também seriam obras póstumas, publicadas igualmente por Rialp, *Via Sacra* (1981)²⁵, que os fiéis do Opus Dei já conheciam pelas publicações que recebiam, e sobretudo *Sulco*²⁶ – que o Autor anunciara em 1950, como já disse – e *Forja*²⁷, cujo primeiro desenho de capa é de 1940²⁸; dois livros para a oração pessoal, que formam uma trilogia com *C* e correspondem ao mesmo gênero espiritual e literário.

Para efeitos do nosso trabalho na presente edição, é importante sublinhar a grande importância que têm os citados materiais da pregação oral de São Josemaria. Formalmente, não são “escritos” seus, mas, como disse, notas e apontamentos tomados por outros, anotados e depois transcritos, mas que ele não reviu e corrigiu para publicação, ao contrário das quarenta meditações antes citadas, que são, em rigor, “escritos” dele. Por isso, à hora de citar estas outras fontes, dizemos: “Notas de...” ou “Apontamentos de...” Estamos diante de um gênero literário dos *Reportata* ou das *Tischreden*, que, no nosso caso, têm um alto grau de credibilidade, sobretudo quando procedem de anotações taquigrafadas ou foram registrados por meios tecnológicos; a sua consulta foi-nos do

²² Rialp, 1ª. ed. Madri 1973; 36ª. ed. 2000.

²³ Rialp, 1ª. ed. Madri 1977; 27ª. ed 2001.

²⁴ Palabra, 1ª. ed. Madri 1986.

²⁵ Rialp, 1ª. ed. Madri; 28ª. ed 2000.

²⁶ Rialp, 1ª. ed., Madri; 17ª. ed., 1999.

²⁷ Rialp, 1ª. ed, Madri, 1987; 10ª.ed. 1992.

²⁸ A respeito de *Forja*, dispomos desta recordação: “Nos começos de 1944, logo depois da Epifania, [o Padre] contou-nos que o material para *Forja* já estava ordenado e quase pronto, e que talvez pudesse ser mandado para a gráfica antes do dia de São José” (Francisco Ponz Piedrafita, *O meu encontro com o Fundador do Opus Dei: Madri 1939-1944*, Eunsa, Pamplona, 2000). Mais ainda: nos começos de 1940, foi feito na Residência de Jenner um primeiro desenho para a capa de *Forja*: “Miguel [Fisac] pinta a capa de outro livro, *Forja*, alternando o trabalho com um mapa do século XVI para ser colocado no hall” (*Diário de Madrid*, 1-1-1940).

maior interesse. Nos anos posteriores à morte do Fundador, parte desses textos foi sendo dado a conhecer aos fiéis do Opus Dei em edições provisórias. Em AGP, existe um abundante material deste tipo, ainda inédito.

Existe outro gênero de publicações em que agora não nos detemos, mas de que deixamos constância: os discursos acadêmicos na Universidade de Navarra e outros discursos oficiais, artigos para a imprensa, entrevistas (não reunidas em *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*), etc.²⁹ Em nenhum momento este breve passeio pela obra escrita de Josemaria Escrivá pretendeu o que tecnicamente se chama “estabelecer” a bibliografia de um autor. O seu objeto foi só ilustrar sob este aspecto a figura do Autor de *C* e oferecer assim o marco biobibliográfico em que se situa o livro que é objeto de pesquisa e estudo nesta edição crítico-histórica.

²⁹ Os Discursos acadêmicos na Universidade de Navarra e outros textos sobre a instituição universitária estão agrupados em *Josemaria Escrivá de Balaguer y la Universidad*, Prólogo de Álvaro del Portillo, Eunsá, Pamplona, 1993.